

DOSSIER DE IMPRENSA

Não dá para ficar parado. Música afro-portuguesa - celebração, conflito e esperança

Vítor Belanciano



MEMOIRS/Centro de Estudos Sociais, Edições Afrontamento e Lux-Frágil têm a honra de convidar para o lançamento do livro de Vítor Belanciano

NÃO DÁ PARA FICAR PARADO MÚSICA AFRO-PORTUGUESA. CELEBRAÇÃO, CONFLITO E ESPERANÇA

Conversa e momentos musicais com o autor, **Vítor Belanciano**, o investigador do CES, **António Pinto Ribeiro**, os artistas **Dino d' Santiago** e **DJ Marfox** e o jornalista **Davide Pinheiro**.

Sexta-feira, dia 11 de Dezembro de 2020, pelas 18h, 1º piso, LUX-Frágil, Lisboa.

Transmissão em direto:

www.facebook.com/memoirs.ces/posts/1438872806504030

[Este evento cumpre as normas de segurança da DGS | Limite presencial máximo 30 pessoas]



07/12/2020

<https://www.rimasebatidas.pt/nao-da-para-ficar-parado-vitor-belanciano-assina-livro-sobre-a-musica-afro-portuguesa/>

Relatos de tempos de mudanças.

Não dá para ficar parado: **Vítor Belanciano assina livro sobre a “música afro-portuguesa”**

Texto: [Alexandre Ribeiro](#)

Fotografia: Bruno Castanheira

Na última década, “a descolonização da pista de dança” aconteceu à boleia do fenómeno [Buraka Som Sistema](#), o foco mais intenso de um processo que ganhou novos protagonistas como a editora [Príncipe Discos](#) ou artistas como [Dino D’Santiago](#), [Scúru Fitchádu](#), [Slow J](#), [Nenny](#), [Throes + The Shine](#) ou [Tristany](#). Apesar de se ter debruçado de uma maneira mais sucinta sobre o assunto num texto publicado em Dezembro de 2019 no Ípsilon, *Não dá para ficar parado*, o novo livro de [Vítor Belanciano](#), partiu de outro sítio: “Resulta de um desafio do projecto de investigação [Memoirs](#), que tem vindo a reflectir o pós-colonialismo na Europa, em particular o efeito das segundas e terceiras gerações afrodescendentes nas artes, na cultura e no pensamento. O ano passado fui convidado por um dos investigadores, o António Pinto Ribeiro, para dar um seminário sobre a música feita em Portugal pelas novas gerações afrodescendentes, na sua relação com as dinâmicas socioculturais, e foi a partir daí que a hipótese de escrever um livro sobre o assunto me foi colocada.” Sobre a escolha da editora, acrescenta: “As [Edições Afrontamento](#) têm vindo a editar os livros que têm saído do projecto Memoirs. O contexto é esse. É óptimo que exista interesse por estes temas. Sinto que em Portugal ainda existe muito a fazer nesse campo.”

Como nos diz o jornalista e crítico musical do Público, o trabalho para este livro já andava a ser feito há algum tempo, mesmo que de uma forma inconsciente, e a matéria-prima é recolhida no seu próprio arquivo: “baseia-se em todas as conversas, artigos e reflexões que fiz ao longo dos últimos 15 a 20 anos sobre estes temas. Sem os testemunhos de [General D](#), [Sam The Kid](#), [Aline Frazão](#), [DJ Marfox](#), Buraka, [Kalaf](#), [Branko](#), Dino D’Santiago, [Nástio Mosquito](#), [Octa Push](#), Scúru Fitchadu, [Sara Tavares](#), [Batida](#), [Nigga Fox](#), etc, etc, ele não seria possível.”

Esta “música afro-portuguesa” que gira à volta de “celebração, conflito e esperança” é uma ideia em constante construção: “Há imensos agentes relevantes. Acaba por estar tudo ligado. O impacto dos Buraka Som Sistema foi

central, mas ele só existiu porque antes o hip hop em Portugal se afirmou e depois houve **Cool Hipnoise** ou Spaceboys e tantas outras coisas. Da mesma forma que o percurso internacional de Batida ou da Príncipe Discos beneficiou desse efeito Buraka. A redescoberta do **Bonga**, por exemplo, está também conectada com esta dinâmica, porque existe um recontar da história, um trabalho de memória que importa fazer. E depois, hoje, tens imensos vectores, desde a criouliização do Dino D’Santiago, à atitude combativa de Scúru Fitchádu, ou novas gerações que tanto se inspiram em motivos da cultura global como local, como o Tristany. Enfim, mais do que este ou aquele agente, parece-me que existe um ecossistema cultural fascinante a que é difícil atribuir um nome. Eu chamo-lhe ‘música afro-portuguesa’, mas na verdade todas as denominações são frágeis e incompletas. Ou seja, existe uma nova realidade sociocultural, em Portugal e na Europa, que em grande medida a linguagem ainda não acompanhou.”

O “#Brevemente” que acompanhou o discreto anúncio na página de Facebook pessoal de Belanciano está mais próximo do que se possa imaginar: “O livro estará nas lojas no próximo sábado. Na sexta-feira, a partir das 18 horas, no Lux Frágil, em Lisboa, será a sessão de lançamento. Haverá conversa e música, na qual participarão o investigador António Pinto Ribeiro, os músicos Dino D’Santiago e DJ Marfox, o jornalista e DJ Davide Pinheiro e eu. Estão todos convidados, como é evidente.”



08/12/2020

<https://portugalrebelde.blogspot.com/2020/12/vitor-belanciano-nao-da-para-ficar.html?sref=tw>



VÍTOR BELANCIANO | "Não Dá Para Ficar Parado"



"Quando a nova música afro-portuguesa se agita, as estruturas da sociedade também se agitam com ela. Não dá para ficar parado." (Vitor Belanciano, 2020)

"Não dá para ficar parado" é o título do livro que o jornalista, crítico de música e cronista Vítor Belanciano apresenta esta sexta-feira (dia 11 de Dezembro) no Lux-Frágil, em Lisboa. A sessão conta com as presenças, para conversa e música, de Dino D'Santiago, Davide Pinheiro, António Pinto Ribeiro e DJ Marfox.

A obra surge no contexto do projeto de investigação Memoirs, que tem refletido sobre o impacto, na Europa atual, da transferência de memórias do fim do colonialismo nas suas múltiplas dimensões. Em Portugal, se existe território onde as conflitualidades, ambiguidades ou potencialidades do pós-colonialismo se têm manifestado, gerando urgências diversas, tem sido o da música popular.

Esta é uma história construída por inúmeros atores das segundas e terceiras gerações afrodescendentes, de General D aos Buraka Som Sistema, de Batida a DJ Marfox, de Nídia a Dino d' Santiago ou Branko, que têm sido capazes de desarrumar certezas, trazendo novas experiências, praticando música para dançar, pensar e agir.

09/12/2020

<https://artshums.com/nao-da-para-ficar-parado-musica-afro-portuguesa-celebracao-conflito-e-esperanca-de-vitor-belanciano/>

«Não Dá Para Ficar Parado. Música afro-portuguesa. Celebração, conflito e esperança» de Vítor Belanciano



Publicado em: [«Não Dá Para Ficar Parado. Música afro-portuguesa. Celebração, conflito e esperança» de Vítor Belanciano](#)

Apresentação

Esta obra, editada pelas Edições Afrontamento, resulta de um desafio ao jornalista **Vítor Belanciano**, feito pelo projeto de investigação [Memoirs – Filhos de Império e Pós-Memórias Europeias](#), que tem vindo a analisar as memórias herdadas pelos filhos e netos da geração que viveu os processos de descolonização de territórios dominados por Portugal, França e Bélgica no continente africano – Congo, Argélia, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

Entre conversa e música, além do **autor**, participarão nesta sessão o investigador **António Pinto Ribeiro**, os músicos **Dino D'Santiago**, **DJ Marfox** e o jornalista /DJ **Davide Pinheiro**.

[Link para aceder à transmissão a disponibilizar em breve](#)

Sinopse:

Todos o sabemos. Existiu uma descolonização política em Portugal. Mas a descolonização de mentalidades continua por efetuar. Uma das formas de o refletir e questionar é através da música popular. Se existiu território onde tanto as conflitualidades, como as ambiguidades, ou as potencialidades, do pós-colonialismo, se refletiram foi esse. Valoriza-se a riqueza da mistura, até enquanto forma de afirmação para a Europa, mas também se perpetuam cronologias de tensão. O que não significa que a música não seja um fascinante lugar de experimentação social, gerador de visibilidades, incentivando discursos que abarcam urgências diversas. Esta é uma história construída por inúmeros atores das segundas e terceiras gerações afrodescendentes, de General D aos Buraka Som Sistema, de Batida a DJ Marfox ou Dino d' Santiago, que nas duas últimas décadas foram capazes de desarrumar certezas, transportando novas experiências, praticando música para dançar, pensar e agir. Não Dá Para Ficar Parado.

Sobre o autor

Vítor Belanciano. Jornalista cultural, crítico de música e cronista. Está no jornal *Público* há mais de vinte anos. Tem formação em antropologia e sociologia. Viveu parte da infância em Niza, cresceu no Barreiro, vive em Lisboa, sente-se do Alentejo. Foi sendo, ao longo dos anos, ator, DJ, cientista social ou professor. Tem estado mais no jornalismo, mas não pratica imparcialidade e neutralidade. Acredita, isso sim, em escolhas, no rigor, na transparência, em expor pluralidade, na análise, no questionamento e na possibilidade, através da cultura, de misturar assuntos, atravessar linguagens, seja política, economia, sociedade, música, arte e ideias. É daí que nasce *Não Dá Para Ficar Parado*, onde tanto é observador distanciado como ator ciente. A música é o ponto de partida. Mas só o é porque inclui tudo o resto.

Fonte: [«Não Dá Para Ficar Parado. Música afro-portuguesa. Celebração, conflito e esperança» de Vítor Belanciano](#)

Feed: Centro de estudos Sociais – Eventos
Url: www.ces.uc.pt

09/12/2020

<https://glam-magazine.pt/nao-da-para-ficar-parado-musica-afro-portuguesa-celebracao-conflito-e-esperanca/>



"Não Dá Para Ficar Parado. Música Afro-Portuguesa – Celebração, Conflito E Esperança"

LIVROS

"NÃO DÁ PARA FICAR PARADO. MÚSICA AFRO-PORTUGUESA – CELEBRAÇÃO, CONFLITO E ESPERANÇA"

"*Não dá para ficar parado*" é o título do livro que o jornalista, crítico de música e cronista **Vítor Belanciano** apresenta, Esta é uma história construída por inúmeros actores das segundas e terceiras gerações afrodescendentes, de General D aos Buraka Som Sistema, de Batida a DJ Marfox, de Nídia a Dino d' Santiago ou Branko, que têm sido capazes de desarrumar certezas, trazendo novas experiências, praticando música para dançar, pensar e agir.

A obra surge no contexto do projecto de investigação *Memoirs*, que tem reflectido sobre o impacto, na Europa actual, da transferência de memórias do fim do colonialismo nas suas múltiplas dimensões.

Em Portugal, se existe território onde as conflitualidades, ambiguidades ou potencialidades do pós-colonialismo se têm manifestado, gerando urgências diversas, tem sido o da música popular.

De título completo "*Não Dá Para Ficar Parado. Música afro-portuguesa – celebração, conflito e esperança*" (Edições Afrontamento), o livro chega ao mercado no próximo dia 12 de Dezembro.

10/12/2020

<https://www.nit.pt/cultura/livros/ha-um-novo-livro-sobre-a-cultura-musical-e-o-colonialismo-portugues>

Livros

texto

Inês Garrido Santos

Há um novo livro sobre a cultura musical e o colonialismo português

Foi escrito por Vítor Belanciano e será apresentado no dia 11 de dezembro. Dino d'Santiago vai estar presente como convidado.



Uma boa sugestão para o Natal

O jornalista e crítico Vítor Belanciano vai apresentar esta sexta-feira, 11 de dezembro, o seu mais recente livro, “Não Dá Para Ficar Parado — Música Afro-Portuguesa, Celebração, Conflito e Esperança”. O evento está marcado para as 18 horas no Lux Frágil, em Lisboa, e vai ter como convidados António Pinto Ribeiro, Dino d’Santiago, DJ Marfox e Davide Pinheiro.

O livro, das Edições Afrontamento, fala sobre a descolonização, mas não de uma perspetiva política. Desta vez, o foco é a cultura e, em especial, a música. Foi aqui onde mais se sentiram “tanto as conflitualidades, como as ambiguidades, ou as potencialidades, do pós-colonialismo”.

Esta é uma história feita ainda com contribuições das segundas e terceiras gerações de afrodescendentes que foram ganhando espaço no panorama cultural nacional nos últimos anos.

O contexto deste livro surgiu do projeto de investigação Memoirs – Filhos de Império e Pós-Memórias Europeias, que tem vindo a analisar as memórias herdadas pelos filhos e netos da geração que viveu os processos de descolonização de territórios dominados por Portugal, França e Bélgica no continente africano.



vitor_belanciano
9,532 seguidores [Ver perfil](#)

APRESENTAÇÃO DO LIVRO

Não dá para ficar parado
VITOR BELANCIANO

11 DEZEMBRO / 18H
LUX FRÁGIL (LISBOA)

CONVIDADOS:
**ANTÓNIO PINTO RIBEIRO, DINO D' SANTIAGO,
DJ MARFOX E DAVIDE PINHEIRO**

[Ver mais no Instagram](#)

188 gostos
vitor_belanciano

Esta sexta-feira, a partir das 18h, no @luxfragil, haverá conversa e música, com António Pinto Ribeiro, @djmarfox, @dinodsantiago e @davidepinheiro, por causa de um livro da minha autoria. Chama-se Não Dá Para Ficar Parado – Música afro-portuguesa, celebração, conflito e esperança (edições Afrontamento).

Em Portugal, todos o sabemos, existiu uma descolonização política. Mas a descolonização de mentalidades continua, em grande medida, por fazer. Uma das formas de o reflectir e questionar é através da música popular, que é um fascinante território de experimentação social, gerador de visibilidades e de urgências diversas, com expressão em tensões e conflitos, mas também, sem margem para dúvidas, em virtudes e potencialidades.

Nestas últimas décadas, de General D aos Buraka, de Batida a DJ Marfox, de Nídia a Nigga Fox, de Bonga a Scúru Fitchádu ou Branko e tantos outros, vieram desarrumar certezas, transportando consigo novas experiências, praticando música para dançar, pensar e agir. O Não Dá Para Ficar Sentado vem daí. É claro uma alusão à fisicalidade da música, e como ela nos interpela, mas é também uma questão de urgência sociopolítica.

Não dá para ficar parado. Apareçam no Lux-Frágil na próxima sexta.

- Um grande bem-haja ao @trigueiropedro e à @arruadamusica
- Fotografia Bruno Simões Castanheira

ver todos os comentários

Adiciona um comentário...

10/12/2020

<https://www.som-direto.com/l/nao-da-para-ficar-parado-vitor-belanciano-apresenta-livro-a-11-de-dezembro/>

'Não dá para ficar parado' – Vítor Belanciano apresenta livro a 11 de Dezembro

"*Não dá para ficar parado*" é o título do livro que o jornalista, crítico de música e cronista **Vítor Belanciano** apresenta esta **6a-feira (dia 11 de Dezembro)** no **Lux-Frágil**, em **Lisboa**. A sessão conta com as **presenças**, para conversa e música, de **Dino D'Santiago**, **Davide Pinheiro**, **António Pinto Ribeiro** e **DJ Marfox**.



"Quando a nova música afro-portuguesa se agita, as estruturas da sociedade também se agitam com ela. Não dá para ficar parado."

Vítor Belanciano, 2020

A obra surge no contexto do projecto de investigação Memoirs, que tem reflectido sobre o impacto, na Europa actual, da transferência de memórias do fim do colonialismo nas suas múltiplas dimensões.

Em Portugal, se existe território onde as conflitualidades, ambiguidades ou potencialidades do pós-colonialismo se têm manifestado, gerando urgências diversas, tem sido o da música popular.

Esta é uma história construída por inúmeros actores das segundas e terceiras gerações afrodescendentes, de **General D** aos **Buraka Som Sistema**, de **Batida** a **DJ Marfox**, de **Nídia** a **Dino d' Santiago** ou **Branko**, que têm sido capazes de desarrumar certezas, trazendo novas experiências, praticando música para dançar, pensar e agir.

De título completo "*Não Dá Para Ficar Parado. Música afro-portuguesa - celebração, conflito e esperança*" (Edições Afrontamento), o livro chega ao mercado no próximo dia 12 de Dezembro.

Arruada

10/12/2020

<https://www.mccourier.com/there-is-a-new-book-on-musical-culture-and-portuguese-colonialism/>

The Courier

There is a new book on musical culture and Portuguese colonialism

There is a new book on musical culture and Portuguese colonialism

It was written by Vítor Balenciano and will be presented on December 11th. Dino d'Santiago will be present as a guest.

A good suggestion for Christmas

This Friday, December 11th, journalist and critic Vítor Balenciano will present his latest book: "It cannot be stopped – Afro-Portuguese music, celebration, conflict and hope". The event will take place at 6pm at the Lux Frágil in Lisbon and will be attended by António Pinto Ribeiro, Dino d'Santiago, DJ Marfox and Davide Pinheiro.

Edições Afrontamento's book speaks of decolonization, but not from a political point of view. This time the focus is on culture and especially on music. It was here that the "conflicts and ambiguities or possibilities of post-colonialism" were felt most strongly.

This is a story made with contributions from the second and third generation of Afro descendants who have gained space in the national cultural panorama in recent years.

The context of this book arose from the research project *Memoirs – Sons of the Empire and European Post-Memories*, which analyzed the memories of the children and grandchildren of the generation that went through the decolonization processes of the areas dominated by Portugal, France and Belgium in the African African Continent.

10/12/2020

<https://www.comunidadeculturaearte.com/vitor-belanciano-lanca-nao-da-para-ficar-parado-um-reflexo-do-impacto-das-memorias-do-fim-do-colonialismo/>

Vítor Belanciano lança “Não Dá Para Ficar Parado”: um reflexo do impacto das memórias do fim do colonialismo

por Redacção
em Livros, Música



Fotografia de Bruno Simões Castanheira

“Não dá para ficar parado” é o título do livro que o jornalista, crítico de música e cronista Vítor Belanciano. “Quando a nova música afro-portuguesa se agita, as estruturas da sociedade também se agitam com ela. Não dá para ficar parado.”, afirma o jornalista.

A obra surge no contexto do projecto de investigação *Memoirs*, que tem reflectido sobre o impacto, na Europa actual, da transferência de memórias do fim do colonialismo nas suas múltiplas dimensões.

Em Portugal, se existe território onde as conflitualidades, ambiguidades ou

potencialidades do pós-colonialismo se têm manifestado, gerando urgências diversas, tem sido o da música popular.

Esta é uma história construída por inúmeros actores das segundas e terceiras gerações afrodescendentes, de General D aos Buraka Som Sistema, de Batida a DJ Marfox, de Nídia a Dino d' Santiago ou Branko, que têm sido capazes de desarrumar certezas, trazendo novas experiências, praticando música para dançar, pensar e agir.

De título completo “Não Dá Para Ficar Parado. Música afro-portuguesa – celebração, conflito e esperança” (Edições Afrontamento), o livro chega ao mercado no próximo dia 12 de Dezembro.



Capa do livro

11/12/2020

https://24.sapo.pt/noticias/musica-afro-portuguesa-em-livro-para-falar-de_5fd35eda6def8e5d02a6ba31

Música afro-portuguesa em livro para falar de celebração, conflito e esperança

[Lusa](#)

11 dez 2020 11:52

A história da música afro-portuguesa é o ponto de partida do livro "Não dá para ficar parado", de Vítor Belanciano, hoje apresentado em Lisboa, editado no âmbito do projeto Memoirs, que investiga as heranças coloniais na Europa.

Com formação académica em Antropologia e Sociologia, Vítor Belanciano escreve sobre Cultura, nomeadamente música, no jornal Público há mais de 20 anos, e muito do trabalho enquanto jornalista acabou por servir de base a "Não dá para ficar parado - Música afro-portuguesa. Celebração, conflito e esperança".

"Se há área que acho que nas últimas duas décadas foi efervescendo e nos colocou uma série de questões, enquanto sociedade, interessantes - de tensões, conflitualidades, mas também de potencialidades e encontro de culturas - foi precisamente o campo da música", afirmou, em declarações à Lusa, a propósito da edição do livro.

11/12/2020

<https://www.tunetradio.com/2020/12/11/vitor-belanciano-edita-hoje-nao-da-para-ficar-parado/>



VÍTOR BELANCIANO EDITA HOJE “NÃO DÁ PARA FICAR PARADO”

ESCRITO POR [TUNETRADIO](#) A 11/12/2020

A história da música afro-portuguesa é o ponto de partida do livro “Não dá para ficar parado”, de Vítor Belanciano, hoje apresentado em Lisboa, editado no âmbito do projeto Memoirs, que investiga as heranças coloniais na Europa.

Com formação académica em Antropologia e Sociologia, Vítor Belanciano escreve sobre Cultura, nomeadamente música, no jornal Público há mais de 20 anos, e muito do trabalho enquanto jornalista acabou por servir de base a “Não dá para ficar parado – Música afro-portuguesa. Celebração, conflito e esperança”.

“Se há área que acho que nas últimas duas décadas foi efervescendo e nos colocou uma série de questões, enquanto sociedade, interessantes – de tensões, conflitualidades, mas também de potencialidades e encontro de culturas – foi precisamente o campo da música”, afirmou, em declarações à jornalista Joana Ramos Simões, da Lusa, a propósito da edição do livro.

Quando, ao longo dos últimos anos, fez as entrevistas a figuras como General D, Waldemar Bastos, Aline Frazão, Nástio Mosquito e Dino D’Santiago e bandas como os Tubarões ou Buraka Som Sistema, Vítor Belanciano não tinha ideia “de lhes dar um sentido comum”.

Para escrever o livro foi “determinante” o desafio que lhe foi feito por António Pinto Ribeiro, um dos investigadores do projeto Memoirs – Filhos de Império e Pós-Memórias Europeias, depois de um seminário que preparou para investigadores europeus ligados àquele projeto financiado pelo Conselho Europeu de Investigação.

Vítor Belanciano acredita que foi no seminário que “as pessoas ligadas ao Memoirs perceberam que o projeto, sem ter essa dimensão da música, em Portugal, ficava um bocado coxo”. Para o jornalista, a mais-valia deste livro, “passe o narcisismo, é conectar coisas que até agora não estavam necessariamente conectadas”.

“Há um trabalho documental e de documentação feito ao longo dos anos que é a base do livro. Claro que a partir do momento em que assumi que ia escrevê-lo, era a partir do olhar atual, mas há no livro conversas que tive há dez/quinze anos. Portanto, há toda essa história, que de alguma forma estava por contar, de uma forma que todas as pontas se conectassem”, disse. O livro arranca com “A música como lugar de experimentação social”, que faz uma espécie de introdução ao tema.

Ao longo de 12 capítulos, Vítor Belanciano aborda a história da música ‘afro-portuguesa’, termo que admite não ser consensual. “‘Música afro-portuguesa’ é apenas uma tentativa, até meio ingénuo se calhar, de aproximar de uma realidade que já é outra coisa. O projeto Memoirs tenta dar conta que quando falamos de uma Europa afro-europeia falamos de uma coisa que já não existe, existe uma Europa, ponto final. Por mim tinha usado apenas música portuguesa, mas isto também não é pacífico porque alguns destes atores não se consideram portugueses, e, por outro lado, não consideram que a música que façam seja portuguesa”, explicou.

O termo música lusófona estava fora de hipótese, “porque é meio paternalista e é apenas uma dimensão de todas estas sonoridades”. A história começa a ser contada no pós-25 de Abril de 1974, com a primeira geração a chegar a Portugal, que inclui Cesária Évora, Bana ou Bonga, “que tiveram dificuldades de afirmação no contexto português e não foi por acaso, teve que ver com um certo silenciamento que nessa altura exista em relação a essas figuras”.

“Portugal estava muito mais direcionado para a Europa, essa ideia de país europeu. Enquanto essa ideia do país Atlântico, precisamente pelo contexto do colonialismo, tinha sido um bocadinho dissipada ou quase esquecida. Ou seja, Portugal não queria relacionar-se com os países africanos de língua portuguesa nesses anos que se seguiram ao 25 de Abril”, afirmou.

Vítor Belanciano acredita que a sociedade portuguesa da altura “não estava preparada para os acolher”, mas não só: “Também porque havia, e aqui falo de uma forma mais lata para além da música, um autossilenciamento, no sentido de não se dar muito nas vistas”.

Esse “autossilenciamento” termina no início da década de 1990 com “a primeira geração do hip-hop, do rap”, que é a segunda geração afrodescendente, no livro “personificada pelo General D”.

“Aí cria-se uma rutura, porque é uma geração que finalmente adquire voz. Lembro-me de ver o General D na televisão a falar de racismo, de segregação, de conquista de direitos. Era uma novidade haver um negro na televisão a falar destas questões. Essa geração acaba por dar visibilidade a uma série de reivindicações que eram novidade na sociedade portuguesa dessa altura”, recordou.

No final da década de 1990, General D “desapareceu praticamente do panorama português, andou emigrado 15 anos”. Vítor Belanciano reencontrou-o em Londres, em 2014. Nessa altura, General D reconhecia haver “mais visibilidade e mais atores afrodescendentes no espaço público português, seja da música ou de outras áreas, mas continua uma relação por resolver, há feridas em aberto, tensões, conflitualidades”.

“E eu concordo com ele. Acho que isso se mantém, se bem que há também portas que se abriram. Tal como o subtítulo do livro pretende traduzir, há conflitualidades e tensões latentes que ainda não foram de maneira nenhuma resolvidas, e quotidianamente temos acesso a elas, através de questões de racismo, e este ano, mais uma vez, tivemos imensas. Mas também há uma nova geração que tem uma perspetiva nova sobre essas questões sociopolíticas e que tem um novo discurso e um novo posicionamento, e isso também está inscrito na música”, defendeu.

Para Vítor Belanciano “foram dados passos no sentido de haver maior integração de todas essas figuras e de elas terem uma voz, conquistarem uma voz e conquistarem representatividade”. “Se bem que na música, bem como no futebol, a representatividade negra é qualquer coisa que é esperada. A expectativa é que haja muitos negros a fazer música ou a jogar futebol”, lembrou, defendendo que “a sociedade portuguesa só terá uma relação muito mais saudável com todas estas questões quando houver uma representatividade muito mais lata, e que não passa só pela música ou pelo desporto”.

O título do livro, “Não dá para ficar parado”, tem “duas dimensões”: “Por um lado, é essa ideia que esta música que abordo é uma música de ritmo, de fisicalidade, e, por outro lado, tem que ver com uma certa urgência de se abordarem estas questões e de as pessoas tomarem posição perante elas”.

“Por um lado sim, há conflitualidade e há tensões que temos que nomear e tentar resolver, por outro lado há passos que foram dados e são irreversíveis. Eu sou um otimista, acho que a música tem um contributo também nisto, no sentido de ser um integrador das diferenças e de permitir que as pessoas dialoguem através da música, através do corpo, porque não?”, questionou.

“Não dá para ficar parado” é apresentado hoje às 18:00 no Lux, em Lisboa. Além de Vítor Belanciano, a apresentação/conversa conta com a presença de António Pinto Ribeiro, DJ Marfox e Dino D’Santiago, “que depois vai assumir a função de DJ” juntamente com o jornalista Davide Pinheiro.

Assista à conferência nesta ligação <https://fb.watch/2jQaizyRvA/>.

11/12/2020

<https://mag.sapo.pt/showbiz/artigos/nao-da-para-ficar-parado-musica-afro-portuguesa-em-livro-para-falar-de-celebracao-conflito-e-esperanca>

Não dá para ficar parado": música afro-portuguesa em livro para falar de celebração, conflito e esperança

SAPO MAG / LUSA

A história da música afro-portuguesa é o ponto de partida do livro "Não dá para ficar parado", de Vítor Belanciano, hoje apresentado em Lisboa, editado no âmbito do projeto Memoirs, que investiga as heranças coloniais na Europa.



Bruno Castanheira

Com formação académica em Antropologia e Sociologia, Vítor Belanciano escreve sobre Cultura, nomeadamente música, no jornal Público há mais de 20 anos, e muito do trabalho enquanto jornalista acabou por servir de base a "Não dá para ficar parado - Música afro-portuguesa. Celebração, conflito e esperança".

"Se há área que acho que nas últimas duas décadas foi efervescendo e nos colocou uma série de questões, enquanto sociedade, interessantes - de tensões, conflitualidades, mas também de potencialidades e encontro de culturas - foi precisamente o campo da música", afirmou, em declarações à Lusa, a propósito da edição do livro.

17/12/2020

<http://org-www.publico.pt/2020/12/17/culturaipsilon/prepublicacao/capitulo-nao-ficar-parado-musica-afroportuguesa-celebracao-conflito-esperanca-1943389>

Cultura-Ípsilon

PRÉ-PUBLICAÇÃO

Primeiro capítulo de *Não dá para Ficar Parado – Música Afro-Portuguesa, celebração, conflito e esperança*

Vítor Belanciano

17 de Dezembro de 2020, 20:22

Já chegou às livrarias o novo livro de Vítor Belanciano, o jornalista, crítico de música e cronista do PÚBLICO. *Não dá para Ficar Parado*, numa edição Afrontamento, surge no contexto do projecto de investigação *Memoirs*, que tem reflectido sobre o impacto, na Europa actual, da transferência de memórias do fim do colonialismo nas suas múltiplas dimensões.



General D DR

A música como lugar de experimentação social.